

## *Ecopolítica.*

publicação eletrônica quadrimestral, vinculada ao Projeto Temático Fapesp *Ecopolítica. Governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle.*

O segundo número traz as sessões constantes da revista: artigos, resenhas, notas sobre andamento de iniciação científica, *paisagens* (acompanhada de texto, verbete e imagens), trecho de seminário com convidado realizado durante a pesquisa e uma entrevista.

É assim que *Ecopolítica*, editada pelos integrantes do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais), apresenta-se a futuros conselheiros que possam colaborar com a regularidade de sua publicação e a continuidade de nossas inquietações.

Com este segundo número, concluem-se as consultas aos parceiros que se dispõem a pertencer ao nosso conselho editorial e prepara-se sua indexação.

## *Ecopolítica 2,* **janeiro-abril 2012.**

As situações de resistências derivadas das práticas de ecopolítica devem ser confrontadas com as novas formas de segurança que se instituem, explicitando os seus aspectos ilegais.

O sociólogo Sven Optiz analisa a racionalidade neoliberal e seus modos de governo diante dos limites do poder e da liberdade, realçando o aspecto excessivo e ilimitado da governamentalidade e da segurança. Para tal, ele situa a emergência da noção em voga de securitização e sua retórica, conformando o âmbito das tecnologias de polícia, nas

quais as tecnologias de segurança passam a ser *tecnologias ambientais*. Seu minucioso estudo questiona o estado das coisas nas Relações Internacionais e na Criminologia e coloca pontos importantes para a abordagem das condições das migrações atuais. Apresenta as condições para compreendermos a noção de *ambiente* atravessando os mais diversos fluxos do *controle ecopolítico*.

O filósofo Rodrigo Orellana comparece com um capítulo de seu rigoroso livro ao percorrer os escritos de Michel Foucault sobre resistências, as práticas de liberdades e ética. Mais do que prender-se à desarticulação do sonho de autonomia e de emancipação humana, concentra-se nas urgências de hoje, enfrentando e provocando o leitor a pronunciar um singular *não* diante dos cordatos democratas do momento e a revirar-se inventando liberdades em *outros espaços*. Cabe ao analista encontrar as dimensões dos levantes e das sublevações, atento ao cuidado de si como o avesso de individualismos, ao poder pastoral e à lógica da soberania.

Acácio Augusto, ao situar a inclusão do tema ecologia nos anarquismos contemporâneos como problema incontornável, equaciona suas atualizações e limites. Contrasta as contribuições de Murray Bookchin com John Zerzan e Hakim Bey no interior do debate libertário estadunidense, sem dúvida o mais diversificado hoje em dia. Produz uma análise incisiva sobre a permanência da programação entre anarquistas em oposição a Foucault, também enfrentada por Orellana, como a necessidade de uma *desprogramação* urgente das resistências.

Edson Passetti situa as novas relações entre a loucura e a normalização, indicando a emergência do *sujeito transtornado*, pela qual estamos todos, desde o nascimento, dispostos e expostos a sermos normalizados. E assim, no interior de uma razoabilidade esperada do cidadão participativo, combinam-se interações e controles a céu aberto, dentre os quais está a captura da luta antipsiquiátrica em luta antimanicomial. O discurso *sustentável* produz uma *moralidade mínima* pela qual o agente livre e

sustentável alimenta sua confiança nas relações econômicas e políticas. É a normalização democrática sustentável como inibidora de resistências e capaz de gerir levantes fortificadores da moderação política.

A resenha de Heliana Conde, que realiza pesquisa sobre a presença e as passagens de Michel Foucault no Brasil, estende-se sobre a publicação a respeito do filósofo francês pela Espanha. Enfrenta o projeto de Valentin Galván, *De vagos y maleantes. Michel Foucault en España* (2010) para introduzir novas informações, instigar o leitor a desacomodar-se das sistematizações comuns, cotejar relações entre a produção acadêmica e movimentos sociais e faz da resenha não um exercício de juízo, mas prática de liberdade. Coerente com um filósofo que não pode ser apanhado pelas objetividades emboloradas das ciências humanas e da história da filosofia, ela ultrapassa os limites esperados formalmente em uma resenha.

Gustavo Simões, com suas intensidades de jovem iracundo, propicia uma instigante leitura da *Agenda Brasileira: Temas de uma sociedade em mudança* (2011), importante publicação de André Botelho e Lilia Moritz Swarcz. Problematiza a referência histórico-política da agenda, comenta seus possíveis desdobramentos, situa a relevância das agendas na condução das condutas e alerta para a *mudança* voltada para a imobilidade do pensamento que *sustenta* o governo e o Estado.

Juntos, Gustavo Simões e Acácio Augusto, outro pesquisador aguçado, compuseram *Paisagens*, voltadas para os protestos de 2011 pelo planeta. Acrescentaram várias *flecheiras libertárias*, que são breves análises realizadas semanalmente pelo Nu-Sol (<http://www.nu-sol.org/flecheira/flecheira.php>), direcionadas a estes acontecimentos, desde suas convocações até seus desdobramentos. Indicam, também, nos interiores dos protestos, as diferenças afirmadas pelos anarquistas na Grécia. O verbete *insurreição*, extraído da Enciclopédia Anarquista organizada por Sébastien Faure, em 1934, pretende convidar o leitor à análise e remetê-lo aos assuntos tratados nos artigos da revista.

Luana Tvardvoskas esteve em um dos seminários do Projeto Temático Ecopolítica, discutindo poéticas enfurecidas e a desconstrução dos signos de poder a partir de mulheres artistas e seus corpos trágicos. A apresentação contundente da jovem pesquisadora da Unicamp levou-nos a convidá-la a mostrar, neste número da revista, um tanto de resistências feministas.

A entrevista com Salete Oliveira, pesquisadora preciosa e incisiva, fecha este número. Nela se explicita a importância que está assumindo o conceito de *resiliência* nas práticas de governamentalidade e a pertinência das práticas de resiliência na conformação atual do discurso da *sustentabilidade* e no governo das condutas.

As resistências estão em evidência, assim como os dispositivos de capturas de práticas de liberdade. A *ecopolítica* e a produção de novas institucionalidades pretendem alçar controles para além das práticas de liberdades por ela convocadas.